

Sentar: o controle dos corpos femininos¹

Fernanda Karla Alves de Sá²

Alex Vidigal³

Thiago Araújo⁴

Universidade Católica de Brasília

Resumo: Este trabalho fotográfico - artístico pretende problematizar através do olhar das análises de gênero, os corpos e suas subjetividades na forma da expressão corporal através do ato de sentar. O corpo é entendido como agente de cultura e como uma ferramenta simbólica na percepção de hierarquias de poder. Esse olhar foi retratado na composição fotográfica em preto e branco, traçando o contraponto entre o corpo feminino, domesticado e comprimido na forma de sentar e o corpo masculino, liberto e treinado para o espaço. Proporcionando assim, uma crítica visual, estética e social.

Palavras-chave: fotografia; gênero; corpos; hierarquia; poder.

1. INTRODUÇÃO

O corpo pode ser considerado como uma metáfora e um agente de cultura, onde carrega marcas, signos, normas, modelos, entre outros. Podemos perceber tal análise por meio da forma que nos alimentamos, como nos vestimos, como sentamos, como nos movimentamos, como nos comportamos, e pelos diversos rituais diários que representamos subjetivamente quando cuidamos dele. O corpo é uma poderosa forma simbólica e uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os elementos subjetivos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da expressão da linguagem corporal propriamente dita.

A sociedade é regida por papéis sociais onde delimitam o que é ser “masculino” e “feminino”, o que é ser homem e mulher, em padrões de comportamento e tratamento diferentes para cada definição. Assim, nota-se desigualdades, devida a uma construção social dos papéis representativos de gênero inscritos nos corpos, sendo diferenciados e

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 03.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: fernandasa.ucb@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Msc. do Curso Comunicação Social, email: alexvdg@gmail.com

⁴ Formado em Comunicação Social pela Universidade Católica de Brasília, email: Thiago.osaraujo@gmail.com

valorizados de acordo com o fato de ser denominadamente homem ou mulher. Dessa forma, constituíram-se papéis sociais em que o masculino é visto como viril, forte, provedor, potente, sem restrições morais e corporais e o feminino como passivo, materno, inferior, frágil, submisso, delicado e contido, criando assim a representatividade através de comportamentos marcados em seus corpos.

De acordo com García-Mina (2003) os modelos de masculinidade e feminilidade são moldes vazios que cada sociedade preenche com uma série de normas, atitudes, crenças, estereótipos e comportamentos previamente escolhidos neste amplo leque de possibilidades que contem o contexto social. Estes modelos definem a vida das pessoas através de questões normativas que apontam os direitos e deveres, proibições e privilégios que cada pessoa tem por pertencer a um sexo ou a outro.

E nestas perspectivas, estão os corpos e seus movimentos que agem e se portam por determinadas normas e características estabelecidas de acordo com os dispositivos de poder ou/ e de papéis sociais em que ocupam.

2. OBJETIVO

Utilizando a perspectiva de gênero e essa representatividade, a proposta fotográfica teve por objetivo retratar o controle social dos corpos femininos, corpos esses que ainda são limitados, ordenados e pensados de forma reprodutiva e controlado pelo modelo patriarcal e misógino. Essa definição é observada pelos padrões morais severos que são transmitidos no meio familiar, religioso, educacional, trabalhista e nas diferentes relações sociais.

As disparidades entre os sexos são as marcas através das quais se perpetuam um modelo de atuação específica. A expressão corporal e o ato de sentar/estar sentado simboliza a ocupação social desses corpos. De um lado, o masculino e suas demonstrações de privilégio e virilidade, e de outro, o corpo feminino, retraído, fechado, controlado e contido.

Através do conjunto fotográfico realizado, almejou-se desenvolver o pensamento lógico, humano e crítico dos símbolos de representação e de espaço da figura feminina na sociedade.

3. JUSTIFICATIVA

A fotografia possui um papel fundamental para retratar imaginários e principalmente realidades, despertando sentimentos e reflexões. O autor, no livro **O novo manual de**

fotografia: guia completo para todos os formatos afirma que “A Fotografia é provavelmente a mais acessível e gratificante de todas as formas de arte. Pode registrar faces ou fatos, ou simplesmente contar uma história. Pode chocar, divertir e instruir. Pode captar e provocar emoções, e registrar detalhes com precisão e velocidade.” (HEDGECOE, 2007, p.7)

A escolha pelo tema é, sem dúvida, proposital no ponto de vista das vivências femininas-históricas. As disparidades da construção dos sexos na sociedade patriarcal trazem a noção de que, o homem, na construção do sujeito macho, é educado para prover, comandar, ocupar espaços públicos e deter os privados. Enquanto a mulher, torna-se socialmente mulher a partir de uma educação para cuidar dos outros, para o lar, a família, a obediência, a retração e a vivência nos espaços privados, fazendo assim do corpo feminino uma construção por formas objetivas e subjetivas de signos que o acompanham, demonstrando sua construção e sua domesticação no decorrer da história social num sistema complexo, sutil e devastador.

Dando luz ao nosso ensaio, na forma de ocupação dos corpos masculinos e femininos, sendo um treinado para o privilégio e outro para opressão, mas ambos treinados para papéis sociais distintos, a filósofa Judith Butler em seu artigo **O sexo e o gênero n’O segundo sexo de Simone de Beauvoir** afirma que:

O corpo é também a circunstância de termos de assumir e interpretar esse conjunto de interpretações que nos foram transmitidas. [...] “Existir” o próprio corpo se torna uma forma pessoal de lidar com a circunstância de termos de assumir e interpretar esse conjunto de normas de gênero que nos foram transmitidas. (Butler, 1986)

Desde quando nascemos, meninas e meninos lidam com formas diferentes de condicionamento para a vida adulta. Meninos são condicionados para o raciocínio, a inteligência, a virilidade, o espaço e o conforto. Os diversos dispositivos sociais o fazem acreditar que eles podem chegar onde desejam, que podem alcançar e comandar o que bem entendem através dos seus brinquedos, orientações, discursos midiáticos etc. Já as meninas, entram num dispositivo do lar, da maternidade e da procura pelo provedor, ressaltando tamanha limitação de seus corpos, como se comportam na esfera pública, como se sentam, como se vestem, como lidam com seus sentimentos e expressões, vetando movimentos e efusividades, num processo total de controle.

A lógica social e representativa não é somente retratada no campo filosófico, teórico ou histórico, mas também no campo físico, visual e perceptível. Ao escolhermos o ato de sentar como símbolo fotográfico, percebemos o quanto é um ato físico corriqueiro, natural do movimento e ação comum dos corpos, pois os movimentos corporais produzem reações aos contextos que estejam inseridos, como por exemplo, a contração ou relaxamento corporal em situações que ofereçam desconforto ou liberdade para agir. Tomemos como exemplo as situações desconfortáveis. É intrínseco ao ser humano nos momentos de vergonha, tristeza, medo, timidez, temor à contração do movimento corporal, o cruzar dos braços, o fechar as pernas, a ocupação menor de espaço, a tentativa de proteção, tudo isso provoca nitidamente um corpo mais retraído. Nesses momentos específicos, esses comportamentos aparecem tanto em homens como mulheres. Porém, pode-se observar que o corpo feminino carrega marcas que não estão presentes no corpo masculino, por exemplo. A problemática do ensaio e a visão crítica proposta é que para a composição feminina dos corpos, o que é específico em alguns momentos para os homens (nos momentos de timidez ou ameaça aconteça o retraimento e contenção), é regra simbólica e física constantemente para as mulheres. É um ato representativo para demonstrar tamanha violência herdada pela domesticação e obediência dos corpos femininos desde o início de sua existência, onde a fisiologia moral feminina é treinada para contenção e vivência no espaço privado e maternal. Pierre Bourdieu no livro **A dominação masculina**, na sua forma física de análise, aproximando com nossa proposta de retrato, afirma:

A cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino, braços cruzados sobre o peito, pernas unidas, vestes amarradas, que, como inúmeros analistas apontam, ainda hoje se impõe às mulheres ainda hoje. Ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente construída em objeto sagrado, e portanto submetidos, a regras estritas de esquivança ou de acesso, que determinam muito rigorosamente as condições do contrato sagrado. (BOURDIEU, 1998, p. 25)

É perceptível nesse ensaio fotográfico observar representações do real posicionamento da ocupação em espaços públicos, pelo posicionamento dos corpos. Não existe um limite masculino, sendo este livre para sentar como deseja e ocupar qualquer espaço, sem se preocupar com o campo social, onde suas mãos, braços, pernas avançam numa lógica representativa de espaço ilimitado. Essa ideia se contrapõe com o espaço ocupado pelo corpo feminino, sempre limitado e invadido, restrito, fechado. As boas maneiras exigem que os braços estejam junto ao corpo, pernas e mãos cruzadas, postura

ereta, falar em tonalidade baixa, fazendo sempre o melhor para não fugir dessas regras, se importando e lembrando sempre sua domesticação do pensamento social, pois se comportar diferente disso tem como punição de valor o julgamento social sobre seu corpo.

A mostra fotográfica foi inspirada em algumas provocações já antes realizadas sobre “manifestações públicas de privilégios”, como o Tumblr “Men Taking Up Too Much Space On The Subway⁵”, que representa através de fotografias a ocupação masculina no transporte público (metrô).

Neste sentido, consideramos de extrema importância o olhar sensível sobre essa realidade, através de uma ação simples e ao mesmo tempo simbólica, servindo também como exercício artístico de enfrentamento de práticas hegemônicas, patriarcais, que imprimem sobre os corpos e sobre as vidas das pessoas (principalmente das mulheres) marcas que as paralisam e as impedem de romper com estas lógicas impositivas.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

A ideia inicialmente do projeto, era fazer fotografias que explorassem o espontâneo, pessoas na rua, em transporte público e diversos lugares em que pudéssemos retratar espaços corporais masculinos e femininos. Mas ao serem fotografadas, as pessoas mudavam o posicionamento do corpo ou simplesmente se incomodavam com a foto, uma vez que retratava a parte inferior do corpo, como as pernas e pés. Após essa dificuldade, passamos para um trabalho de observações e análises, até retratarmos em estúdio.

O ensaio fotográfico foi realizado no dia 30 de março de 2016 às 20:00 no estúdio do laboratório de fotografia da Universidade Católica de Brasília. Contamos com a participação de duas pessoas como modelos voluntários.

Foi utilizada uma iluminação simples com o fundo cinza, sem nenhuma outra forma de interferência visual que não o movimento corporal. Uma câmera Canon EOS 6D ficou suspensa com o objetivo de retratar num ângulo diferenciado os movimentos.

As fotos foram tratadas no software *Adobe Photoshop*, utilizando pequenos cortes e acrescentando o filtro de preto e branco.

⁵ <http://mentakingup2muchspaceonthetrain.tumblr.com/> acessado em 28/03/2016

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO

5.1 CÂMERA

Canon EOS 6D

Escala de número f: f/9

Tempo de exposição: 1/125 s

Velocidade ISO: ISO/100

Distância focal: 50mm

Modo do flash: sem flash

Distância focal de 35 mm

5.2 IMAGEM (original)

Dimensões: 3648 x 2432

Largura: 3648 pixels

Altura: 2432 pixels

Resolução horizontal: 72 dpi

Resolução vertical: 72 dpi

Intensidade de bits: 24

Bits/pixel compactados: 7

Tamanho do arquivo: 2,05 MB

6. CONSIDERAÇÕES

Durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho, foi possível entender a necessidade de enfrentamento de problemáticas dentro das questões sociais de gênero, problematizando-as de maneira crítica e colocando-as à disposição da comunidade acadêmica.

Este trabalho foi importante para aprimoramento do olhar artístico das plataformas comunicacionais e saber que é possível transformar uma ideia artística numa linguagem possível, mas também o olhar teórico feminista numa leitura social de transformação da percepção do corpo feminino. Foi fundamental o aprendizado técnico da fotografia, para

colocar em prática projetos que despertem e reforçar que o campo da comunicação é diverso e nos possibilita atingir diferentes formas de expressão e interpretação.

Através do ensaio, podemos traçar formatos e expressões dos corpos masculinos e femininos revelando assim suas noções de espaços no campo físico, trazendo a perspectiva de gênero nesta leitura. O corpo masculino, representado no ensaio, reforçando a liberdade para o espaço e para os movimentos, podendo se colocar onde bem deseja, sem o impedimento físico, de roupas ou por restrições de formas de sentar. E o corpo feminino, com suas limitações morais, “pela forma correta de sentar”, de agir e de se portar, ficando assim retraída, colocada no papel social delicado e de domesticação.

Do nosso ensaio é possível concluir que a realidade dos corpos femininos deve ser sempre retratada, numa perspectiva de mudanças positivas e não somente positivistas, sendo mais humanamente possíveis. Treinar o olhar para o mundo de forma sensível e crítica é também função para os estudos dentro da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina**. 10 ed. São Paulo, 1998

BUTLER, Judith, **Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex**, 1986 in <https://goo.gl/FJGciR>

DÉPÊCHE, M. **Reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino**.

GARCÍA-MINA FREIRE, A. **Desarrollo del género en la feminidad y la masculinidad**. Madrid: Narcea, 2003.

HEDGECOE, John. **O novo manual de fotografia: guia completo para todos os formatos**. 3 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007

HIRATA, H. S. et al. (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

STEVENS, Cristina. & SWAIN, Tânia Navarro. (Orgs). **A construção dos corpos- Perspectivas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Estudos feministas, Ano 9, 2º semestre, 2001.

WITTIG. M. **El pensamiento heresexual y otros ensayos**. Editorial EGALES, 2001. 2ª edição.
_____ **The category of sex. In The straight mind and other essays** (pp. 1 -8), 1992.
New York: Beacon Press. [Tradução para português, para fins didáticos, por Alice Gabriel e Felipe Arede].

<http://mentakingup2muchspaceonthetrain.tumblr.com/> > acessado em 28/03/2016.

<http://thesocietypages.org/socimages/2013/12/27/gendered-and-the-body-language-of-power/> > acessado em 28/03/2016.